

EDITORIAL

UM POSICIONAMENTO SEMPRE NECESSÁRIO DE SER LEMBRADO

Iniciamos a primeira edição 2016 da Comunicações refletindo a respeito do papel da universidade e do conhecimento em nossa sociedade e o modo como a sociedade brasileira está enfrentando suas questões atuais. Nós, professores universitários, lidamos com o conhecimento, na perspectiva do tripé ensino, pesquisa e extensão e, no espaço desta revista, cuidamos de participar do trabalho coletivo de divulgação do saber produzido pelos pesquisadores do Brasil e América Latina.

Não entendemos, contudo, as tarefas de produção e divulgação do conhecimento como dissociadas de um ato necessariamente político de pensar sobre a realidade, a cultura, a sociedade e a conjuntura histórica na qual realizamos essas tarefas. É nesse sentido que não podemos deixar de manifestar nossa preocupação com as ameaças à ordem democrática que estamos vivendo nestes momentos de grave crise política nacional.

Assinado individualmente, mas em consonância com as posições dos professores que compõem a Comissão Editorial da Comunicações, iniciamos este editorial preocupados com o que entendemos como um movimento de grupos políticos e econômicos, levado a cabo pela grande mídia e setores dos poderes legislativo e judiciário que, afrontando preceitos constitucionais e jurídicos, tentam conduzir ao impedimento um governo legitimamente eleito. Um processo de impedimento que não se fundamenta em crime de responsabilidade, a nosso ver, caracteriza-se como golpe, como tentativa espúria de impor retrocessos às conquistas democráticas de direitos humanos, de soberania nacional e de lutas pelo fim da desigualdade social.

Acompanhamos, assim, a voz de todos aqueles que lutam em defesa da democracia e da justiça e equidade social, e endossamos, especialmente, o texto da ANPEd intitulado “A ANPEd faz 38 anos. Queremos a institucionalidade democrática como presente e futuro”, publicado em seu boletim de março de 2016. E que nós possamos sempre nos lembrar dos desafios que historicamente enfrentamos em nosso país para a defesa da democracia e de uma educação para todos, valores que precisam de constante reforço em nossas posições.

Direcionando, neste momento, o olhar para a edição que ora publicamos, percebemos a relevância das diversas discussões e análises aqui apresentadas, oriundas de pesquisadores dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul

e Tocantins, bem como um pesquisador oriundo do México. Apresentamos temáticas ligadas à formação de professores, políticas públicas, história da educação, filosofia da educação, educação especial, bem como as relações entre diversidade, preconceito e educação em artigos com pesquisas bibliográficas, etnográficas, estudos de caso, narrativas, estatísticas e documentais.

Renata Bernardo e Adair Mendes Nacarato mergulham na narrativa autobiográfica de uma professora iniciante, problematizando, em especial, a relação desta professora com a matemática. No artigo “Eu procuro proporcionar algo de bom às crianças: a trajetória de uma professora iniciante e a superação de marcas negativas da matemática escolar”, as autoras trazem à tona a relação entre histórias de vida e a prática docente, com ênfase nas marcas da superação de condicionantes desfavoráveis.

Andréa Oliveira Silva e Jussara Cristina Barboza Tortella provocam nosso olhar para pensarmos no espaço da formação continuada, temática muito discutida nas pesquisas em educação. No artigo “A formação continuada de professores: possibilidade real de mudança ou sintoma de intensificação?”, as autoras confrontam essas pesquisas e os programas de formação continuada com o conceito de intensificação do trabalho docente, problematizando as condições que a formação ocorra na escola, a partir das reais necessidades docentes e de seu contexto local.

Karina Silva Molon de Souza, Fernanda Figueira Marquezan, Janilse Nunes, Doris Pires Vargas Bolzan, Silvia Maria de Aguiar Isaia direcionam seu olhar para a sempre presente e necessária questão da formação docente para o nível superior. No artigo “A aprendizagem de ser professor em início de carreira”, elas analisam as trajetórias formativas de professores iniciantes que participam de um programa de formação permanente oferecido por uma instituição comunitária de ensino superior do Rio Grande do Sul e nos oferecem indícios e indicadores de constituição da docência nessa modalidade de ensino.

Jose Antonio Ramirez Diaz volta-se para as políticas públicas mexicanas de educação para construir uma reflexão sobre a equidade. No artigo “Análisis de las inequidades en la educación superior de México para introducir un modelo teórico multidimensional de equidad en educación”, o autor constrói uma base teórica que pensa a equidade na educação numa perspectiva multidimensional, que lhe permite analisar o modo como as políticas públicas para educação estão sendo implementadas no México.

Luisa Foppa Bergo e Géssica Ramos analisam, sob uma perspectiva documental e bibliográfica, a escola de tempo integral no Brasil. No artigo “Escola de tempo integral: reflexões sobre o papel da escola a partir de diferentes experiências no Brasil”, as autoras partem de duas experiências específicas (a Escola Parque e a atual proposta paulista) para levantar características, propostas e desafios da educação pública brasileira.

Sebastiana Aparecida Moreira e Julio Cesar Godoy Bertolin direcionam seu olhar para as políticas públicas brasileiras de educação, com um foco no Programa Mais Educação. No artigo “Avaliação da contribuição do Programa Mais Educação para o ensino fundamental público: estudo de caso de Rio Verde (GO)”, os autores fazem um estudo de caso sobre o PME em um município do interior de Goiás e observam, tanto pela variação

do IDEB quanto pela coleta da percepção dos sujeitos envolvidos, resultados positivos da implementação do programa na localidade.

Renan Antônio Silva realiza uma observação participante em uma escola técnica voltada para o público LGBTTT no interior de São Paulo. No artigo “Diversidade sexual, políticas públicas e desenvolvimento como liberdade: diário de campo em uma escola destinada ao público LGBTTT”, o autor apresenta os primeiros resultados de sua pesquisa, mostrando os conflitos e as liberdades vividas pelos alunos da escola na produção de fanzines que lhes permitiram uma vivência com produções culturais criadas e compartilhadas por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis e heterossexuais.

Fábio Fernandes Villela direciona seu olhar de pesquisador para pensar nos modos de constituição do preconceito contra a origem, especificamente contra os “caipiras” de uma das regiões do interior de São Paulo. No artigo: “Escola e preconceito: estudo sobre o preconceito contra a origem geográfica e de lugar para a formação de professores”, o autor analisa o modo como os resultados de suas pesquisas a respeito das percepções do preconceito contra uma comunidade tradicional não-indígena permitem pensarmos numa formação de professores sob a perspectiva da contra-hegemonia cultural.

Simone Maria Alves de Lima e Carmem Lucia Artioli Rolim refletem a respeito das práticas de educação inclusiva em escolas municipais de Palmas, Tocantins. No artigo “contextos inclusivos: um olhar sobre a prática docente”, as autoras entrevistam professores que relatam suas dificuldades com o ensino de matemática numa perspectiva inclusiva, ressaltando os desafios, de ordem política, metodológica e teórica que esses professores enfrentam.

Táisa Grasiela Gomes Liduenha Gonçalves e Katia Regina Moreno Caiado direcionam seu olhar para o PRONERA, observando o atendimento a alunos com deficiência. No artigo “A educação para jovens e adultos com deficiência em dois assentamentos paulistas”, as autoras, por meio de análise de documentos e entrevistas, mostram como são presentes os desafios da educação especial na educação no campo, tanto no que diz respeito às práticas educativas, quanto às condições de trabalho e formação de professores.

João Carlos da Silva volta ao final do Império e início da República para explorar a temática pouco aprofundada em nossa história da educação das relações entre o Apostolado Positivista e a Educação. No artigo “Igreja positivista do Brasil: notas sobre o ideário educacional (1881-1927)”, o autor explora as propostas educativas do positivismo e o modo como estas se estabeleceram no Brasil no recorte temporal de análise selecionado.

Andreza Oliveira Berti projeta em nossa tela mental imagens da infância a partir da análise de obras dos cineastas Hirokazu Kore-Eda e Ignacio Agüero, permitindo-nos um “olhar sensível” para observarmos de que maneira eles “afetam e inventam infâncias”. No artigo “Cinema e educação: aproximação entre infâncias”, a autora provoca afetos ao proporcionar um olhar poético e potencializador do ato educativo por meio do cinema.

Maria Brígida Valentim Portela, Genivaldo de Souza Santos e Raimunda Abou Gebran elegem a experiência como categoria para pensar o ensino de arte. No artigo “Os saberes da experiência e a construção da poética docente para o ensino de arte”, trazendo

os resultados de uma pesquisa de mestrado, os autores mapeiam a trajetória do conceito de experiência e o trazem para problematizar o espaço da arte na escola e suas diferentes aprendizagens.

Marta Regina Furlan de Oliveira e Sinésio Ferraz Bueno trazem conceitos da Teoria Crítica para refletirmos acerca do trabalho e da formação docente. No artigo “Educação e trabalho docente à luz dos conceitos de semiformação e indústria cultural: implicações na contemporaneidade”, os autores discutem de que maneira a semiformação e a indústria cultural podem ser utilizadas como chave para nossa compreensão a respeito da emancipação dos sujeitos na sociedade atual para além de uma visão utilitarista e fetichizante do ensino.

João Paulo Baliscei, Teresa Kazuko Teruya e Vinícius Stein concluem esta edição com uma leitura da modernidade e suas diferentes temporalidades a partir de três metáforas. No artigo “Sobre baús, armários e cabideiros: trilhando caminhos entre a pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida”, os autores discutem a identidade nos três contextos que relatam no seu título, pensando-os como modos diferentes de “guardar roupas” e estabelecendo uma reflexão sobre essas metáforas e o pensar nas diferenças.

Uma boa leitura a todos,

Thiago Borges de Aguiar